

APRESENTAÇÃO

Antonio Fernando de Araújo Sá

Professor Titular DHI/ UFS

E-mail: fernandosa@academico.ufs.br <https://orcid.org/0000-0001-6496-4456>

A revista Ponta de Lança assumiu, desde o primeiro número, a tarefa de trazer à lume uma pluralidade de artigos e resenhas, representativa da diversidade do conhecimento produzido nas universidades brasileiras e estrangeiras. Mesmo enfrentando o desanimador processo de burocratização universitária, especialmente as avaliações que levam em conta mais os algoritmos do que a reflexão teórica e filosófica, esse número publica um conjunto de temas dos mais relevantes para a conjuntura atual, como é a questão da religião e das religiosidades na contemporaneidade.

Da resistência à ditadura empresarial-militar, os autores recuperam as memórias vinculadas a setores progressistas da Igreja Católica no Brasil, que exerceram papel fundamental na construção de uma cultura democrática em torno dos direitos humanos que reverberam ainda hoje na disputa do campo político nacional.

A permanência da devoção à Santo Antônio nas cidades de Canudos (BA) e Itabaiana (SE) é prova cabal da resistência da religiosidade popular na contemporaneidade, evidenciando que o sagrado está presente no cotidiano das comunidades, funcionando como um espaço dinâmico onde tradição, cultura e identidade se negociam e se renovam.

Nesse contexto das disputas político-religiosas, o artigo seguinte reconstrói os posicionamentos político-religiosos de fiéis evangélicos em Feira de Santana-BA, focando na moralidade pública durante as eleições de 2022. Através dos conceitos de publicização religiosa e minoritização, as tensões entre igrejas cristãs e pautas de saúde, sexualidade e direitos reprodutivos são exploradas pelos autores, por meio de entrevistas com membros das Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus, que revelaram um forte empenho de lideranças em direcionar votos para candidatos alinhados a diretrizes morais conservadoras.

Outro tema marcante da historiografia contemporânea é a história das mulheres, vista aqui sob a ótica de diferentes possibilidades de abordagem no ensino de história. No artigo sobre a representação das mulheres medievais no livro didático de História do sexto ano do Ensino Fundamental – Anos Finais – adotado pela rede municipal de ensino de Petrolina/PE, o texto evidencia a permanência da marginalização das mulheres medievais, secundarizada na narrativa.

Na mesma direção, o outro texto expõe que a marginalização das mulheres negras é ainda maior em torno das questões raciais, sendo ainda vistas como sujeito inferior, sendo subjugadas e até mesmo silenciada frente às conjunturas patriarcais. Daí a importância de trazer a trajetória de Marielle Franco para a desconstrução desses estereótipos e para a valorização das lutas das mulheres, especialmente das mulheres negras, no contexto histórico e contemporâneo.

O pensamento de Ailton Krenak se insere nessa luta contra a colonialidade do pensamento ocidental, em que o texto baseado na elaboração conceitual de “Cartografias para depois do fim”, presente na obra *Futuro Ancestral* (2022), sugere que outras cartografias possíveis residem, subsistem e resistem no pensamento originário e ancestral, capaz de propor perspectivas alternativas diante das desestruturas sociometabólicas e do modo de vida insustentável presente no capitalismo contemporâneo.

Na sequência, os problemas urbanos na Grande Aracaju são tratados por meio do contraditório desenvolvimento urbano do aglomerado do bairro Rosa Elze, que se intensifica com a instalação da Universidade Federal de Sergipe e sua crescente expansão do mercado imobiliário, principalmente a partir da década de 1980. O texto se propõe, assim, a compreender a persistente fragilidade da governança metropolitana e a forma fragmentada das ações de planejamentos direcionada a apropriação pelo capital imobiliário da franja urbana de Aracaju, denunciando a ausência de políticas de assentamentos mais inclusivas, sustentáveis, que possam promover a justiça social e espacial.

Por fim, há uma reflexão sobre a construção da escrita da história do cangaço, realizada pelo repórter Melchiades da Rocha, no livro “Bandoleiro das Catingas” (1942), trazendo problemas relevantes para pensarmos a produção histórica para além dos limites da escrita histórica acadêmica.

Duas resenhas fecham esse número. A primeira trabalha a memória da ditadura no Brasil, a partir do livro "O golpe de 1964: heranças e reflexões", organizado por Rafaella Bettamio e publicado pela Fundação Biblioteca Nacional em 2024, visando iluminar aspectos significativos desse passado controverso e fomentar novas pesquisas que contribuam para a interpretação e a atuação no presente.

A outra resenha se debruça sobre o livro de Chimamanda Ngozi Adichie - Para educar crianças feministas: um manifesto, que tem como intenção refletir sobre as formas de educação de meninas e meninos, na promoção da igualdade de gênero.

A luta continua!

Boa leitura!